

ESPAÇO, PAISAGEM E BIOTECNOLOGIA: PROMESSAS E REALIDADES APRESENTADAS NO FILME 'A ILHA'

Camilo Darsie

Doutorando – PPGEdU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e
Department of Geography, Environment & Society – University of Minnesota
camilods@terra.com.br

Luís Henrique Sacchi dos Santos

Professor Doutor – PPGEdU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
luishss2009@gmail.com

RESUMO

Neste artigo é apresentada uma análise sobre questões relacionadas ao espaço geográfico e às novas tecnologias que envolvem a potencialização do corpo humano a partir da produção cinematográfica A Ilha. A escolha do filme, se deu em função de se acreditar que artefatos culturais como este agem no sentido de interpelar os sujeitos que formam as sociedades e, assim, fortalecem expectativas ligadas ao espaço e ao corpo. Portanto, considerando que áreas como a Geografia, a Biologia e a Educação podem ser relacionadas, faz-se uso do campo dos Estudos Culturais, como forma de articulá-las para o desenvolvimento de reflexões acerca de algumas promessas e realidades que são apresentadas no filme. Nesta direção, a partir da ficção, são abordados discursos que envolvem elementos como a paisagem, o espaço e as biotecnologias de modo a se observar como essas questões têm sido tratadas e transformadas culturalmente.

Palavras-chave: Paisagem. Espaço. Biotecnologia. Cinema.

SPACE, LANDSCAPE AND BIOTECHNOLOGY: PROMISES AND REALITIES PRESENTED BY 'THE ISLAND' MOVIE

ABSTRACT

In this paper are presents an analysis about issues related to the geographic space and new technologies wich involve the enhancement of the human body. For that we use the movie production The Island. The choice of this movie was because we believe that such culture devices act to this challenge that form the subject companies and thus strengthen expectations space and connected to the body. Therefore, considering that areas such as Geography, Biology and Education may be related, we use the field of Cultural Studies as a way to made an articulation betwen that. So, we developed reflections about some promises and some realities that are presented in the movie. In this direction, using fiction, take speeches involving elements such as landscape, space and biotechnology in order to discouss how these issues have been addressed and transformed culturally.

Keywords: Landscape, Space, Biotechnology, Cinema.

INTRODUÇÃO

“Tudo o que eles querem, é tudo que qualquer humano quer”

Recebido em 16/08/2012
Aprovado para publicação em 18/12/2012

A frase apresentada acima foi criada e utilizada para a divulgação do filme *A Ilha*, e, ao ser anexada a este texto, em formato de epígrafe, pretende-se estabelecer uma relação entre aquilo que pode ser assistido no filme e alguns tensionamentos que poderão ser pensados através da leitura deste trabalho. Cabe mencionar que esses tensionamentos emergem a partir dos olhares de um geógrafo e de um biólogo, 'amarrados' pelos Estudos Culturais em Educação, que investem nesse momento em aproximações que envolvem discursos e conhecimentos relacionados ao espaço geográfico e à biotecnologia.

Santos (2007) refere que no campo dos Estudos Culturais têm sido realizados estudos sobre as mais diferentes temáticas, entre elas, os filmes de Hollywood, a geografia, a biologia, as paisagens, o espaço, o corpo e a genética. Para o autor, essa diversidade de temáticas, podem ser analisadas a partir desse campo como Pedagogias Culturais. Essas são pedagogias que não se estabelecem, a priori, na escola, mas ampliam as instâncias educativas, considerando, assim, os diversos artefatos culturais que se encontram em nossa sociedade. É também nesta direção que busca-se inscrever a análise que se segue.

É oportuno mencionar, também, que a ideia de escrever sobre esse filme surgiu a partir de inspiração ocasionada por estudos e textos que têm sido publicados, nos últimos anos, sobre o filme *Gattaca: a experiência genética*, entre eles, aqueles produzidos por Rippol (2007) e por Veiga-Neto (2008). Não se trata de comparar os dois filmes, mas explorar certas temáticas encontradas em *Gattaca* e que também parecem transitar pela 'Ilha', porém com novas roupagens e inseridas em novos contextos. Levando-se em conta, por exemplo, a apresentação de temas como a engenharia molecular, pode ser dito que algumas das problemáticas associadas ao corpo e à genética que foram abordadas por Rippol (op.cit.) podem ser (re)vistas em *A Ilha*. Em ambos os filmes, é possível se considerar certo vislumbre relacionado às possibilidades que "em um futuro não muito distante" poderão estar disponíveis para aqueles sujeitos que puderem arcar com os custos que envolvem a potencialização do corpo a partir da manipulação genética.

Em outra direção, Veiga-Neto (2008) toma *Gattaca* para a análise, entre outras questões, de temas relacionados ao espaço geográfico. Mesmo que ele não se utilize dessa expressão – "espaço geográfico", o autor aborda categorias analíticas – espaços e lugares – as quais se inserem, de acordo com estudos da área da Geografia, no escopo desse conceito. A discussão do autor envolve os espaços e os lugares idealizados a partir do viés do projeto da Modernidade, os quais poderiam ser pensados levando-se em conta requisitos como a ordem e a pureza. Na "Ilha" essas questões podem ser problematizadas a partir das diferentes paisagens, de um mesmo espaço, que são justapostas levando aos espectadores pensarem sobre aquilo que podemos chamar de ficção/promessas e de realidade no que se refere ao espaço geográfico.

Conforme aponta Campos (2006), ao se analisar um filme, a ideologia do autor e do diretor, a visão etnocêntrica, os arquétipos presentes na figuração, a autenticidade das paisagens e as opções de enquadramento do espaço representado são pontos que podem, e devem, ser analisados por geógrafos. Segundo ele, normalmente, os lugares representados nas imagens não são autênticos, as ações não se passam nos lugares aludidos pela trama. Assim, as belas paisagens que são vistas pelos telespectadores, são construídas com o apoio de telas panorâmicas, locais paradisíacos e florestas que são criadas em estúdio, sem as marcas produzidas pela História. Ao falar sobre outros filmes, o autor chama a atenção para a criação de paisagens-tipo pelo cinema, Nela são recriadas situações nas quais o original não pode ser encontrado. A encenação não ocorre relacionada somente ao momento histórico, a paisagem também não é autêntica.

Portanto, são tratadas aqui as promessas e as 'realidades', (re)produzidas pelo filme e que parecem deslocar o ideal de espaços e paisagem futurísticas – conforme previa a Modernidade – para a expectativa de um mundo, cada vez mais, pautado na preservação e manutenção da saúde em espaço cada vez mais atravessado pela diversidade. Trata-se igualmente da promessa e da realidade que se assomam na intervenção e na potencialização do corpo humano como forma de transpor limitações impostas pelo tempo, as quais nos guiam na direção de problematizar as formas contemporâneas de constituição de um "eu" que passa a

ser, cada vez mais, definido, em sentido amplo, pela tecnobiociência, mas que, mesmo assim, constitui aquilo que chamamos de espaço geográfico

“LOCALIZANDO” A ILHA

A Ilha (*The Island*) é uma produção cinematográfica hollywoodiana, lançada nos cinemas no ano de 2005 e que, atualmente, pode ser vista em diferentes canais de televisão ou encontrada em lojas que vendem e/ou alugam filmes em DVD. Seu diretor, Michael Bay, dirigiu outros filmes de ficção-científica bastante conhecidos, como *Armageddon* (1998) e *Transformers* (2007, 2009, 2011). Da mesma maneira que ocorre nesses outros filmes do diretor, *A Ilha* é um filme carregado de efeitos visuais, perseguições, tiroteios, intrigas e romance – seguindo, digamos, a previsibilidade da maioria dos filmes de Hollywood –, entre o ‘mocinho’, *Lincoln Six-Echo* (Ewan McGregor), e a ‘mocinha’, *Jordan Two-Delta* (Scarlett Johansson). No entanto, os aspectos sobre *A Ilha* os quais se busca localizar/abordar aqui são aqueles que parecem ter sido capturados, por exemplo, em *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, e que dizem respeito às possíveis realizações anunciadas pela articulação ciência-tecnologia em um futuro que se torna cada vez mais presentificado nas promessas que são feitas hoje.

Ambientando, em um primeiro momento, em um complexo onde vivem diversas pessoas que, supostamente, sobreviveram a uma pandemia que dizimou os habitantes da Terra, *A Ilha* apresenta um contexto social em que a tecnologia, investida na paisagem, se torna central nas relações estabelecidas entre os sujeitos, enquanto grupo e, também, entre esses sujeitos e o espaço geográfico em que estão inseridos. Essas pessoas vivem à espera de serem contempladas em um sorteio que garantiria a transferência para uma ilha – sem nome –, na qual poderiam viver livres dos perigos de contaminação pelo suposto vírus mortal deflagrador da pandemia.

A atmosfera comportamental do complexo se baseia nas boas relações e no cumprimento de rotinas que se estabelecem através de atividades que envolvem cuidados com o corpo e com a mente. Tais relações e rotinas são controladas intensamente pelos funcionários do complexo, que fazem uso de diversos aparatos tecnológicos (câmeras, sensores de movimento, indicadores de eletrônicos de atividades que devem ser feitas pelos moradores, entre outros) que ‘decoram’ os ambientes apresentados e que são capazes de indicar, até mesmo, variações de humor e aproximações corporais entre os habitantes, o que seria expressamente proibido. A principal norma, no entanto, diz respeito aos limites espaciais determinados pela administração, que demarca as áreas acessíveis, ou seja, as áreas ‘limpas’ nas quais os sobreviventes podem transitar sem se preocuparem com contaminações. Todo o aparelho tecnológico presente no complexo garantiria a proteção de seus habitantes da temível pandemia que teria dizimado a vida fora dali.

A ordem desse complexo é abalada por um de seus moradores – *Lincoln Six-Echo* – que começa tanto a questionar as normas estabelecidas quanto a falta de informações sobre essas normas. *Lincoln* transgride as regras e, principalmente, desrespeita as fronteiras que separam o ambiente supostamente asséptico do ambiente supostamente contaminado, pondo, assim, em risco a sobrevivência de todos que se encontram no complexo. No entanto, ao passar para o ‘lado de lá’ das fronteiras, o que ele descobre é que a Ilha, pela qual todos anseiam, não existe. Ao invés de serem transferidas para um lugar livre de contaminações, essas pessoas são mortas após serem submetidas a cirurgias para retirada de órgãos ou, então, no caso das grávidas, após o nascimento dos bebês.

Atormentado com a descoberta, *Lincoln* ‘captura’ a jovem *Jordan Two-Delta* – a mais nova vencedora do sorteio que a enviará para a morte –, pela qual nutre um sentimento especial, e juntos escapam do complexo. O que eles encontram, no lado de fora, é um mundo diferente, com paisagens diferentes e com diversos humanos vivendo estilos de vida caóticos quando comparados àquele modo de vida do complexo. A partir daí a trama se desenrola em espaços semelhantes aos existentes nos dias de hoje e, nesse contexto, ambos descobrem, junto aos espectadores, que eles são clones criados sob encomenda por pessoas que necessitam de transplantes de órgãos, ou então, de ‘barrigas de aluguel’ geneticamente compatíveis.

O que acontece na sequência pode ser considerado uma luta pela vida, pois ambos procuram encontrar maneiras de sobreviverem às perseguições tanto da empresa que os ‘comercializou’

enquanto produto quanto de um jovem milionário que encomendou um clone para repor seu fígado doente.

COMPLEXO ASSÉPTICO: QUESTÕES SOBRE ESPAÇOS ORDENADOS E CORPOS MOLARES

Como já foi mencionado, o início da trama se passa em um complexo no qual vivem todos os humanos sobreviventes de uma pandemia causada por um vírus letal que atingiu o planeta Terra em “um futuro não muito distante”. A ‘paisagem’ do lugar chama atenção pela ordem e pela limpeza, a partir das quais são controlados os níveis de contaminação do ar. Espaços amplos e minimalistas², cores neutras, como cinza e branco, dispositivos altamente tecnológicos (elevadores, esteiras, telas nas quais são apresentados avisos aos moradores do complexo, equipamentos de controle de saúde que monitoram os sobreviventes diariamente e se intercomunicam com todos os setores do complexo, entre outros), e, no lugar das paredes, grandes vidros que revelam outro tipo de paisagem: paradisíaca, composta pelo mar, pelo céu e por uma ilha distante. Trata-se, enfim, de um complexo asséptico, um espaço ordenado, de paisagens simétricas – pode-se pensar que o complexo é a própria Ilha; é ele que está à deriva, isolado como um barco em alto mar.

A paisagem pode ser tomada como um elemento de leitura já que é nela que podemos encontrar estampados os fenômenos e as formas do espaço, para daí chegarmos às relações sociais, e com isso, às formas de produção e reprodução do espaço. Assumir tal perspectiva nos possibilita questionar e não apenas permanecer na descrição do que se vê. Carlos (1994), afirma que “a paisagem aparece como forma de manifestação do espaço geográfico superando a idéia de paisagem como elemento estático” (p. 15). A paisagem pode ser definida como a primeira forma de aproximação do espaço, constituindo um elemento de leitura do mundo. É necessário entender e criticar o que está no espaço, ou seja, não se contentar apenas com a forma, mas também buscar o seu conteúdo. Se entendermos que a paisagem está relacionada com espaço, assim, necessariamente ela vai estar associada à produção e à reprodução do espaço e com isso às relações sociais existentes neste espaço. Não há, portanto, como pensar na paisagem de uma cidade ou, no caso dessa análise, de um complexo altamente tecnológico sem pensar nessas questões.

Se a paisagem indica informações sobre a (re)produção dos espaços, n’*A Ilha* a paisagem asséptica indica a necessidade de um espaço ‘atual’ que possa englobá-la. No caso, esse espaço deve ser sustentado pela pureza tanto em relação às possíveis doenças quanto aos comportamentos de seus habitantes. É essa maneira de representar um espaço localizado em um tempo posterior ao contemporâneo que sinaliza vestígios daquilo que pode ser chamado de Projeto da Modernidade. Assim, é possível se fazer uso das palavras de Bauman (1998) quando ele explica que a ‘Modernidade’ considera elementos como a pureza ao vislumbrar um mundo onde as materialidades e os sujeitos estão em seus devidos lugares garantindo assim a ‘higiene’ dos espaços. Para o autor, essa noção fundamental, é garantida ou também ameaçada pela ordem. A partir disso é possível pensar que o ordenamento de comportamentos e espaços pode garantir a pureza, mas essa não dá conta de contemplar a todos e, assim, a ordem pode ser abalada por aqueles que ficam deslocados de seus devidos lugares ou para os quais não foram planejados ‘lugares’.

Dentro desse complexo asséptico e ordenado, os sobreviventes passam seus dias seguindo rotinas que são planejadas e controladas pelos administradores do lugar. Essas pessoas não sabem exatamente quem são tais administradores, mas se deixam ser monitorados pelos equipamentos que constituem o complexo de modo a preservarem a saúde. Elas cumprem suas tarefas pré-estabelecidas mesmo sem entender a finalidade das mesmas – afinal de contas, estão colaborando para a ordem e a segurança do complexo, estando, assim, posicionadas em lugares de prestígio. Pode-se dizer que elas se encontram engendradas a um regime de verdade. Elas estão inseridas em um contexto em que a verdade – possibilidade de contaminação pelo vírus letal – constrange a todos e os faz seguir e concordar com as normas (FOUCAULT, 2010). Sobre esse constrangimento, é importante ressaltar que o autor explica que não se trata de um constrangimento específico, mas de uma adesão à verdade, situação

² O minimalismo compreende ambientes decorados com poucas peças, priorizando a funcionalidade das mesmas.

que provoca, segundo ele, um deslocamento da noção de poder-saber para a ideia de governamentalidade.

Como consequência de um regime de verdade que produz obediência a partir do risco de contato com o vírus mortal, estratégias de governo ajudam a constituir o funcionamento do complexo, pois grande parte dos sobreviventes fiscaliza as ações uns dos outros de modo a evitar a contaminação. Funcionários orientam atividades pessoais e moldam comportamentos no intuito de preservar a assepsia desse espaço, mesmo que para isso seja necessário uso da força e da violência. Como refere Gardner (2009), a cultura nos ensina a temer determinados riscos e a focalizar cuidados de prevenção na direção dos mesmos enquanto outros riscos são esquecidos. Portanto, n'A Ilha o "grande" risco é o medo da contaminação.

Dentro daquele espaço são marcantes dois tipos de investimentos corporais estabelecidos pela governamentalidade que envolve os moradores do complexo. Em primeiro lugar, o cuidado com a preservação e manutenção da saúde do corpo, a partir do controle de alimentos, controle de taxas (Iodo, colesterol, vitaminas, etc.) e, em segundo, a prática de exercícios físicos em aparelhos e ambientes que lembram as academias de hoje, porém muito mais tecnológicas. Esse tipo de investimento no controle de um corpo que precisa ser preservado foi abordado por Goellner e Nunes (2007), que afirmam que contemporaneamente – e ousamos dizer que no complexo d'A Ilha também – a potencialização do corpo a partir das atividades físicas produz subjetividades que se relacionam a diversas questões, como juventude e beleza e, nesse caso, saúde. Essa relação com a saúde colabora para que os moradores do complexo se mantenham longe das fronteiras estipuladas.

Essa questão encaminha para a discussão de outro ponto relevante na trama, qual seja a criação de fronteiras – limites físicos – que pretendem controlar o trânsito de pessoas ou, melhor, de corpos que, mesmo localizados em um tempo e um espaço tão tecnológicos, estão expostos a contaminações. Essa relação entre contaminação e limites físicos, presentes no filme, não estão distantes dos modos como busca-se garantir a segurança de territórios nos dias de hoje. Cada vez mais, o trânsito de diversas pessoas por lugares diferentes parece ser intensificado a partir do encurtamento das distâncias ocasionado pela globalização (HARVEY, 2001). No entanto, como refere Bauman (2008), é o medo causado pela insegurança de um 'mundo aberto', que faz ressurgir a preocupação com o controle de fronteiras e, no caso dessa análise especificamente, é o medo de contaminação a partir de microorganismos que não podem ser vistos que colocam, justamente, a molaridade do corpo (ou seja, o próprio corpo, aquilo que dele aprendemos a reconhecer como suas partes, seus órgãos, etc., no âmbito do visível, do palpável, da materialidade) em evidência.

Pretende-se dizer com isso que a relação corpo/espaço apresentada no filme está pautada na molaridade de um corpo que se insere e transita por espaços assépticos altamente tecnológicos. Nesse caso – assim como na vida real –, o estabelecimento, assim como a vigilância, das fronteiras seria a melhor maneira de controlar e garantir a ordem e a pureza dos territórios. No mundo futurista d'A Ilha os corpos são vulneráveis aos agentes biológicos moleculares (não apreensíveis ao olho humano, imperceptíveis, praticamente "invisíveis"), portanto sua preservação, manutenção bem como seu deslocamento pelos espaços devem ser administrados.

Tendo sido utilizada a representação do espaço asséptico do complexo associado à expectativa de um mundo, cada vez mais, pautado na preservação e manutenção da saúde em nível molar e a demarcação de limites que garantam certa pureza aos territórios, chama-se a atenção para o fato de que até a metade da trama, que se passa no complexo, temos contato com espaços e paisagens, enfim, com um espaço geográfico – como já foi dito –, carregado de investimentos tecnológicos (o que garante ao espectador a leitura de estar assistindo a algo que se passa num tempo à frente).

CORPOS REPOSITÓRIOS: ENGENHARIA MOLECULAR E ESPAÇOS CAÓTICOS

Essa seção é iniciada a partir da ideia de que a virada que ocorre da metade para o final do filme e que desloca o olhar sobre aquilo que se acredita que o diretor pretende mostrar como diferenças entre a ficção e a realidade, ou seja, diferenças entre aquilo que estaria posto e o que estaria por vir. Michael Bay, fazendo uso dessa mudança no enredo, parece querer dizer

aos espectadores a seguinte mensagem: *Pense por você mesmo sobre o que é o futuro e o que é o presente!*

Assim as pessoas que assistem ao filme são levadas a um novo contexto, no qual os espaços ordenados e puros, as paisagens tecnológicas, as fronteiras e o controle dos corpos, ou seja, aquela ideia de um “futuro moderno” – clichê – cede lugar a paisagens comuns e a espaços caóticos, ou seja, paisagens e espaços que fazem parte do espaço geográfico contemporâneo, onde a ordem é substituída pela velocidade e pela multiplicidade de acontecimentos. É justamente aí que o corpo e a biotecnologia aparecem como protagonistas de uma trama na qual a manipulação genética se insere intensamente.

Tuchermann (2007) argumenta que vive-se em um momento de euforia em relação aos hibridismos, às artificializações da vida, às associações entre o mecânico e o biológico. Para a autora, essa euforia se dá a partir dos discursos da tecnociência cuja potencialização narrativa se deu pela ficção científica. Ela também afirma que as elaborações ficcionais, assim como as cinematográficas – e principalmente essas –, promovem uma flexibilização dos limites entre o atual e o virtual.

Como já se disse, no desenrolar da história descobre-se que as pessoas que vivem no complexo são, na realidade, clones criados para servirem como doadores/repositores de órgãos aos seus donos, aqueles que forneceram o material genético e que pagaram para ter uma garantia de que teriam órgãos à disposição quando deles necessitassem. Esse deslocamento entre a noção de corpos humanos que precisam ser potencializados mecanicamente – por exemplo, por meio de exercícios físicos – parece abrir espaço para uma nova discussão que envolve a possibilidade de corpos clonados os quais seriam ‘planejados’ e desenvolvidos em laboratórios. Nikolas Rose (2007) argumenta que a maioria das pessoas ainda compreende os seus corpos no nível “molar”, considerando os membros, os órgãos, os tecidos, o fluxo sanguíneo, os hormônios entre outros. Para o autor, esse é o corpo visível, tangível, tal como mostrado no cinema ou nas telas de TV, nos anúncios publicitários para produtos de saúde e beleza, etc. Esse é o corpo molar sobre o qual agimos e procuramos aperfeiçoar através de dietas, exercícios, tatuagens e cirurgias estéticas. Acrescentamos aqui, que é esse corpo molar para o qual as fronteiras são definidas, conforme discutido anteriormente.

Contudo, Rose (2007) também apresenta a ideia de uma nova forma de entender o corpo, realizada pela perspectiva molecular, sobre a qual a medicina e a biomedicina têm investido cada vez mais. Não se trata, assim, de negar a materialidade, ou a molaridade do corpo que se conhece, mas pensar na centralidade de técnicas que pretendem operar em níveis cada vez mais profundos, almejando potencializar os corpos do presente/futuro através da manipulação dos genes.

Sobre a relação desse corpo molecular, ou seja, esse corpo que recebe investimento a partir da engenharia molecular, com o espaço geográfico em que se insere, o filme parece nos indicar que esse futuro ‘tão esperado’ seria mais bem representado por corpos cada vez mais potencializados através de recursos tecnobiocientíficos do que pelas paisagens e espaços entendidos pela perspectiva da Modernidade. Ao conceder uma entrevista para a televisão brasileira, o filósofo Alain de Botton (2007) expõe que o problema da arquitetura e das paisagens previstas pelo ideal da modernidade foi acreditar em uma originalidade exagerada, na qual, todas as regras e marcas do passado ficariam para trás. No entanto, segundo ele, o que pode ser notado é que cada vez mais a paisagem é moldada por encontros entre o velho, o novo e a identidade local.

Essa questão é representada no filme, ao apresentar cenas em que os protagonistas transitam por um ambiente urbano no qual a paisagem é carregada de propagandas e informações, prédios novos e antigos, ruas desordenadas. Essa paisagem é aquela que Santos (1997) denomina como ‘sobreposição de tempos’, ou seja, uma paisagem na qual a arquitetura e o entorno natural se encontram marcados por materialidades que mesclam tempos diferentes, planejamento especializado e espontaneidade local.

Nesse sentido, parece ser coerente se pensar que, em *A Ilha*, o diretor aposta em um futuro no qual a engenharia molecular de ponta se desenvolve em um mundo formado por espaços cada vez mais caóticos com paisagens marcadas pela sobreposição de tempos e identidades locais.

DEIXANDO A ILHA

No texto apresentado foram abordados, brevemente, alguns temas que podem ser tensionados a partir da obra cinematográfica *A Ilha*. Muitas outras questões, além das que foram discutidas, podem ser desdobradas a partir do filme, mas como foi explicado, logo no início, operamos aqui com um recorte da trama com o objetivo de promover aproximações relacionadas ao espaço geográfico e à tecnobiociência. Nesse sentido, parece lógico pensar que vivemos em um tempo onde grandes promessas parecem projetar o futuro no que se refere aos investimentos corporais que poderão ser oportunizados pela engenharia molecular.

Nessa direção é possível se pensar que as promessas e as verdades apresentadas pelo cinema contemporâneo, entre outros artefatos culturais, têm interpelado diversos sujeitos e, a partir disso, educado a população do presente, no sentido de produzir um deslocamento no que se refere à ideia de um futuro pautado em espaços e paisagens ficcionais, altamente tecnológicos, para a noção de uma sociedade na qual a engenharia molecular recebe papel de destaque colocando o corpo humano no centro das atenções e das polêmicas morais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BOTTON, Alain. Arquitetura: a casa nunca está pronta. In: CAMARGO, Zeca (Org). **Novos Olhares**. São Paulo: Globo, 2007.
- CAMPOS, Rui Ribeiro. Cinema, Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos** v. 41, n.1, p.1-22. Junho, 2006
- CARLOS, Ana Fani A. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.
- FOUCAULT, Michael. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-1980**. Trad. Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- GARDNER, Dan. **Risco: a ciência e a política do medo**. Trad. Léa Viveiros de Castro e Eduardo Süsskind. Rio de Janeiro: Odisséia, 2009.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. Edições Loyola, 2002.
- NUNES, Cláudio Ricardo F. GOELLNER, Silvana Vilordre. O Espetáculo do Ringue: o espetáculo e a potencialização de eficientes corporais. In: COUTO, Edvaldo Souza, GOELLNER, Silvana Vilordre. (Orgs). **Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.
- RIPPOL, Daniela. Corpo, genética e poder: notas sobre o filme Gattaca. In: WORTMANN, Maria Lúcia e cols. (Orgs). **Ensaio em Estudos Culturais Educação e Ciências: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.
- ROSE, Nikolas. **The Politics of Life Itself**. London: Princeton Paperbacks, 2007.
- SANTOS, Luis Henrique Sacchi dos. O corpo que pulsa na escola e fora dela. In: WORTMANN, Maria Lúcia e cols. (Orgs). **Ensaio em Estudos Culturais Educação e Ciências: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1997.
- TUCHERMAN, Ieda. Corpo, fragmentos e ligações: a micro-história de alguns órgãos e de certas promessas. In: COUTO, Edvaldo Souza, GOELLNER, Silvana Vilordre. (Orgs). **Corpos Mutantes: ensaios sobre novas (d)eficiências corporais**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2007.
- VEIGA-NETO, Alfredo. Usando Gattaca: ordens e lugares. In: TEIXEIRA, Inês A. de Castro, LOPES, José de Sousa M. (Orgs). **A escola vai ao cinema**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.